

TERAPIA¹ COMUNITÁRIA E EDUCAÇÃO: O QUE DIZEM AS PRODUÇÕES ACADÊMICAS?

Vilma Soares Duarte

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará.
Bolsista do Programa de Iniciação à Docência – PIBID.
Universidade Estadual do Ceará - vilma.duarte4@gmail.com

Marília Duarte Guimarães.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará
Mestranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará
Membro do Observatório da Educação
Universidade Federal do Ceará - mariliaguimaraes.trab@hotmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta análise de produções acadêmicas sobre Terapia Comunitária e Educação. A pesquisa buscou conhecer o que dizem as produções sobre Terapia, suas convergências e divergências, e suas aproximações com o campo da Educação. Trata-se de uma análise qualitativa que utilizou oitenta e seis (86) resumos, sendo treze (13) teses e setenta e seis dissertações que abordam o tema, produções identificadas por meio de levantamento na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações com um recorte temporal delimitado do ano de 2006 a 2016. A análise dos resumos evidenciou que as produções existentes sobre terapia no âmbito da sala de aula ainda são poucas, visto que só foram encontrados três trabalhos que relacionam esses temas. Em geral, a análise aponta carência de estudos que abordem terapia e educação, o que anuncia a necessidade de integrar terapias nas práticas educativas e conseqüentemente mais produções acerca do assunto.

Introdução

Este trabalho apresenta análise de produções acadêmicas sobre Terapia Comunitária e Educação, constituindo desdobramento de uma pesquisa realizada no âmbito do levantamento de dados para produção do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia no Centro de Educação – CED da Universidade Estadual do Ceará – UECE.

O contexto macro das reformas, tanto em âmbito nacional, como internacional anseia por respostas urgentes às demandas contemporâneas. Nessa perspectiva recai sobre a escola e os professores a missão de equacionar demandas típicas da sociedade. A proposição de políticas públicas para o desenvolvimento social e o fomento de alternativas de enfrentamento à violência que tem afetado e alterado a relações sociais, bem como, a rotina do espaço escolar, têm empreendido necessidades de romper com os modelos culturalmente tradicionais e individuais de educar e ser educado.

¹ Este trabalho constitui desdobramento de uma pesquisa realizada no âmbito dos estudos da monografia de conclusão de curso para obtenção de título de graduação no curso de Pedagogia, ainda em construção.

De acordo com a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social – SSPDS (GLOBO CEARÁ, 2016), Fortaleza aparece como a cidade mais violenta do Brasil e 12ª do mundo, realidade que transborda na escola como um dos principais problemas enfrentados hoje na educação, e que traz à tona discussões sobre agressividade na escola, intolerância, ausência de valorização do espaço físico, bem como a dificuldades de relações harmônicas no ambiente escolar, o que intensifica nossa jornada de educador em busca de alternativas no modo de conduzir as crianças no processo educativo.

Assim, discutir Educação em tempos de globalização requer ir além do individualismo. É necessário sair do unitário em busca do comunitário, visto que, pensar a vida e o ato educar como uma prática comunitária é pensar em uma educação que permita ler e interpretar o mundo em comunhão.

É partindo dessas e de outras reflexões que trataremos agora da Terapia Comunitária, definida por Adalberto Barreto (2013, p.39) como “um instrumento que nos permite construir redes sociais solidárias de promoção da vida e mobilizar os recursos e as competências dos indivíduos, das famílias e das comunidades.”

As discussões acerca da Terapia Comunitária como uma nova estratégia de promoção à educação humanitária tiveram início ao nos aproximarmos do espaço Ekobé², lugar destinado ao cuidado terapêutico da comunidade, que valoriza a herança cultural dos nossos antepassados indígenas, africanos, europeus e orientais, bem como o saber produzido pela experiência de vida de cada um. Desse modo, buscamos relacionar experiências vivenciadas no âmbito dessa iniciativa com a prática do professor em sala de aula, uma vez que, as atividades desenvolvidas no Ekobé têm como princípio a educação popular de Paulo Freire (1996), e em muito se relaciona com o nosso fazer diário no chão da sala de aula.

A propósito, o estudo surge da necessidade de compreender em que medida as práticas de educação popular junto às terapias comunitárias integrativas contribuem para o processo de *ensinagem* nas escolas públicas no município de Fortaleza, tendo como princípio as possibilidades de educar a partir da meditação, o autoconhecimento e empoderamento comunitário, visto que, a formação desses grupos instiga o indivíduo a interagir com outras pessoas e a descobrir no grupo, a

² O espaço Ekobé, se encontra na Universidade Estadual do Ceará campus Itaperi no município de Fortaleza. Trata-se de um projeto de extensão que envolve professores, pesquisadores e movimentos sociais das áreas da medicina, psicologia, pedagogia, enfermagem, serviço social dentre outros.

importância do outro na resolução de seus problemas. Instiga também a desvendar o poder resiliente em cada integrante.

Leonardo Boff (2000, p. 65) define resiliência como “a capacidade de enfrentar adequadamente as dificuldades de forma socialmente aceitável”, tendo por objetivo “ajudar os indivíduos e grupos não só a enfrentar as adversidades, como também a se beneficiar das experiências” o que conseqüentemente traz benefícios para a saúde psíquica através do equilíbrio entre mente e corpo das crianças através da *aprendizagem pela conversa*, que de acordo com Macedo & Macedo (2012), é um processo político de conscientização, afirmação de voz e participação na tomada de decisão, para potencializar o reconhecimento individual e transformação social.

Desse modo, nossa primeira aproximação com o tema se deu partir de estudos de BARRETO (2008) e FREIRE (1996); (1997). Seus fundamentos metodológicos ancoram nossos estudos acerca da escuta sensível e do diálogo nas práticas de Terapia Comunitária. Assim, faz-se necessário um estudo sobre as produções realizadas até o momento acerca dessas duas categorias. Inspirado por esse contexto, o presente trabalho pretende analisar produções sobre a Terapia Comunitária, suas convergências, divergências, e aproximações com o campo da Educação.

2. Considerações teórico-metodológicas

Para alcançar os objetivos propostos realizamos uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa que utilizou resumos de teses e dissertações sobre o tema, produções identificadas por meio de levantamento na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (www.bdttd.ibict.br).

O aporte teórico do estudo fundou-se nas concepções de autores como: Barreto (2005); Freire (1996); (1997) e Bolf (1993); (2000).

Procedeu-se a leitura dos resumos, seguido da identificação dos seguintes elementos: título, tema, objeto, metodologia, aporte teórico e constatações/resultados, o que permitiu perceber aproximações e distinções entre os estudos analisados.

3. Resultados da pesquisa

Após o levantamento realizado no site da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (www.bdttd.ibict.br), optamos por um recorte temporal do período de 2006 a 2016 visto que, em 2006, o Ministério da Saúde aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares

(PNPIC) no Sistema Único de Saúde através da Portaria Nº 971, de 03 de maio de 2006, reverberando assim uma maior utilização das práticas integrativas, o que justifica a delimitação de nosso levantamento.

Foram encontrados oitenta e seis (86) resumos sobre Terapia Comunitária, sendo treze (13) teses e setenta e três (73) dissertações que abordam esta iniciativa. Setenta e nove (79) estão no idioma português e sete (7) no idioma espanhol. Identificamos por meio do levantamento trinta e nove (39) na região Sudeste, vinte e nove (29) trabalhos na região Nordeste, doze (12) na região Sul e seis (6) no Centro Oeste. São trabalhos abordados em diferentes áreas: ciências da saúde, enfermagem, terapia ocupacional, saúde mental, teologia, ciências biológicas, imunologia aplicada, fisioterapia, espiritualidade e pessoas com deficiência.

Após uma análise mais detalhada percebemos que dos oitenta e seis (86) trabalhos identificados apenas três (3) tratam da Terapia vinculada à Educação. Ao pesquisar por Terapia Comunitária e Educação aparecem dezesseis (16) registros, mas na verdade os textos encontrados se referem ou a Terapia Comunitária ou a Educação. Apenas três (3) trabalhos foram identificados relacionando Terapia e Educação. Trata-se de uma (1) tese e duas (2) dissertações.

Em relação ao título, as três (3) produções utilizam a palavra Terapia articulada à terapia familiar sistêmica, terapia comunitária integrativa e terapia em atividades corporais. Em geral, as produções têm como objetivo identificar as possibilidades de terapias a serem usadas no campo da Educação e averiguar como o diálogo e demais instrumentos podem contribuir com a educação comunitária e com os movimentos sociais.

Quanto à base teórica dos três trabalhos, identificou-se a recorrência aos estudos de: FREIRE (1997); (1987); (1977); (1986); BARRETO (2005); GEERTZ (1989-1978-1972); BERTALANFFAY (1968-1978); BOFF (2003); VASCONCELOS (2001-1997-1998); ROCHA (2008); SOUZA (2004); GROISMAN (1991); dentre outros.

No que concerne aos tipos de pesquisas realizadas, todas se identificam como pesquisas qualitativas. Os procedimentos de coleta de dados estão entre análise documental, levantamento bibliográfico, observação participante, entrevista semiestruturada e histórias de vida.

Contudo, embora um dos resumos tenha em seu arcabouço o tema educação, o texto não trata da Terapia Comunitária Integrativa, mas sim dos ritos da terapia sistêmica numa perspectiva antropológica. Há também um resumo que aborda as vivências corporais que facilitam a redução de tensões físicas e emocionais. O diálogo e a palavra também são investigados como instrumentos

(83) 3322.3222

contato@fipedbrasil.com.br

www.fipedbrasil.com.br

que contribuem com a percepção da saúde, a aprendizagem da autonomia e desenvolvimento da dimensão política do homem.

As análises, em geral, apontam alternativas para o enfrentamento do estresse psicossocial, caracterizando a terapia como uma experiência de formação de saberes coletivos, que compõe uma teia sistêmica de apoio social para o autocuidado e valorização da vida.

Considerações Finais

O professor, em dias atuais assume papéis de ordem pedagógica, social, assistencial, dentre outros atributos que constituem o ofício de ser professor. O ato de educar não é uma tarefa fácil, requer comprometimento, dedicação, e, sobretudo formação. No entanto é preciso estar ciente a que tipo de educação nos referimos, que lugar ocupamos no mundo e que educação almejamos para nossas crianças.

É nesse cenário de conscientização que vislumbramos a transformação dos indivíduos a partir de rupturas com os modelos tradicionais de educação e inserção de práticas integrativas constituídas a partir de saberes populares em sala de aula.

Embora identificado vários trabalhos sobre o tema, é notável a carência de estudos que problematizem a prática de Terapias no âmbito da sala de aula, ou até mesmo no espaço escolar como todo. Desse modo se faz urgente a necessidade de estudar e integrar aspectos que contemplem a participação solidária, a afetividade, a compaixão coletiva, o respeito às culturas e a natureza. Um exemplo disso são as Terapias Integrativas que embora não seja novidade, ressurgem nos anos 2000 como uma nova possibilidade de educar para a paz através da espiritualidade e da resiliência.

Assim, observamos a necessidade de voltarmos nossa atenção aos saberes ancestrais (ancestralidade) de nosso povo e descolonizar os saberes repassados no modelo vigente de educação com o intuito de mediar e formular propostas que contemplem aspectos favoráveis ao desenvolvimento pleno, estético e humano dos indivíduos, bem como sensibilizar a iniciativa de mais investigações que se preocupem com esses aspectos e, conseqüentemente, suscitar mais produções acadêmicas sobre o tema.

Espera-se que questões levantadas nesse estudo possam contribuir com as discussões acerca da violência nas escolas, o desestímulo dos docentes, as estratégias de ensino e a organização das atividades escolares, assim como fomentar a necessidade de uma educação voltada para os valores humanos. Por fim cumpre enfatizar nossa compreensão de que isso é algo que vai para além

da responsabilidade docente, tendo em vista as condições de trabalho nem sempre favoráveis, a desvalorização da profissão e o acúmulo de tarefas no cotidiano. É necessário, portanto que órgãos governamentais tomem para si a responsabilidade de induzir, formar e fomentar profissionais capazes de promover mudanças na prática pedagógica integrando atividades que suscitem em cada indivíduo o sentimento de união e identificação com seus valores culturais.

Referências

Barreto A. **Terapia Comunitária passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR; 2005

Boff L. **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito**. Rio de Janeiro: Sextante; 2000.

BRASIL, Ministério da Saúde. **PORTARIA Nº 971, DE 03 DE MAIO DE 2006**. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html> Acesso em: 14 de agosto de 2016.

GLOBO, Ceará notícia. **Fortaleza aparece como cidade mais violenta do Brasil e 12ª do mundo** Disponível em <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/01/fortaleza-appece-como-cidade-mais-violenta-do-brasil-e-12-do-mundo.html>. > Acesso: 14 de agosto de 2016.

Freire, P. **Pedagogia da autonomia** – saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Ed. Paz e Terra. (1997).

Freire, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1999.

Macedo, E. & Macedo, A. (2012). **Aprender pela conversa: Assim, como e depois?**, In C.Múrias & M. Koning (Coords.). *Lideranças partilhadas: Percursos de literacia para a igualdade de género e qualidade de vida* (pp. 223-238). Porto: Fundação Cuidar O Futuro & Livpsic.

BOFF, L. **Ecologia Mundialização Espiritualidade-** A emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática, 1993.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**-atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010. Coleções questões da nossa época; v.1